

## ESPECIAL

# O escritor das rosas amarelas

Jornalista relembra o encontro mágico com García Márquez numa das mais recentes sessões de fotos do autor colombiano

MARÍA DEL PILAR RODRÍGUEZ

O fotógrafo Mauricio Vélez já não se lembra do dia em que sua cabeça se encheu do calor de Macondo, o mesmo que, transformado em borboletas, perseguia seu xará, Mauricio Babilônia, em “Cem anos de solidão”. Foi o amarelo que o uniu — a princípio sem que ele mesmo soubesse — a um dos mais belos momentos de amor, respeito e fidelidade ocorridos no lar de Gabriel García Márquez.

Rosas amarelas, espécie de flores que Mercedes Barcha punha todos os dias, sem falta, na mesa de trabalho do grande escritor, era um amuleto macondiano por excelência, uma espécie de testemunha das linhas mais brilhantes que nossa terra já viu.

Numa certa manhã, Vélez viu uma imagem clara a sua frente: Gabo carregando um buquê de rosas amarelas para homenagear sua esposa. E a oportunidade apareceu. Germán Santamaría, diretor da revista “Diners”, determinou que fosse elaborada uma edição em homenagem ao Nobel e pediu que Vélez se encarregasse da foto da capa. A sorte parecia estar a seu favor... Mas o dia do fechamento da revista chegou, e a foto acabou não sendo feita. A decepção, no entanto, levou à determinação, e Vélez continuou perseguindo seu sonho amarelo — desta vez, para seu livro.

Faltavam poucos dias para que a obra “Retratos de Sociedad” (publicada este mês) fosse enviada para impressão. Conseguir fazer aquela foto já parecia algo impossível. Aparentemente, todos os caminhos tinham se esgotado, mas a força dos sonhos é capaz de fazer milagres. O telefone tocou. Era Dona Yolanda Pupo de Mogollón, diretora do Museu de Arte Moderna de Cartagena — a última pessoa a quem eu e Vélez havíamos solicitado mediação. E ela, em nome da arte e com voz de quem traz boas notícias, disse:

— Anota aí o número da Mercedes. Ela está esperando o telefonema do fotógrafo. Aceitou recebê-lo.

Euforia! Era isso que gritavam as rosas amarelas que chegaram às minhas mãos com destino marcado: ser parte do retrato sonhado, da imagem perseguida, da fotografia de Gabriel García Márquez. O olhar de Vélez antecipava um milagre. Cartagena brilhava em seu maior esplendor. Tudo parecia maravilhoso até que Dona Yolanda nos contou sobre “A polaca”.

## DOÇURA DE UM MENINO

Um calafrio percorreu nosso corpo, e eu me enchi de angústia só de pensar que, graças à ousadia de uma polaca silenciosa que se apresentava sempre às portas do escritor — estivesse ele no México ou em Cartagena — com um buquê igual ao que eu levava, teria problemas.

Mas o bálsamo do sorriso diáfano de uma mulata bonachona nos abriu a porta, emitindo a seguinte frase:

— Passem e escolham o lugar onde querem fazer a foto.

Com dois passos largos quase imprudentes, Mauricio Vélez venceu os degraus da escada à



FOTO PARA CAPA DO LIVRO “RETRATOS DE SOCIEDAD”, DE MAURÍCIO VELEZ, PUBLICADO POR MARCA PAÍS COLOMBIA



MAURÍCIO VELEZ/DIVULGAÇÃO

## Encontro.

Acima, a imagem do escritor, feita em maio de 2013 por Mauricio Vélez, para ilustrar a capa do livro “Retratos de Sociedad”, recém-lançado na Colômbia. Ao lado, o fotógrafo reverencia Gabo após a sessão

# Desdém pelo filho mais ilustre

Aracataca, que inspirou a mítica Macondo, ignora Gabo e, para atender a turistas, pirateia seus livros

Em 25 de junho de 2006, os 22 mil habitantes da pequena Aracataca, cidade situada no extremo norte da Colômbia, foram convocados para participar de um referendo. A pergunta proposta ao povo pelo então prefeito, Pedro Sánchez Rueda, era simples: “A cidade deve passar a se chamar Aracataca-Macondo?”. Mas, o que tinha sido pensado para servir de homenagem ao filho mais nobre daquela localidade — o escritor e jornalista Gabriel García Márquez — acabou revelando o desdém com que a cidade o trata. Apenas 3.596 pessoas se dignaram a ir às urnas, e o plebiscito foi cancelado devido à forte abstenção.

Fundada em 1885, Aracataca vive, desde sempre, sob intenso calor. Quarenta e um graus é uma constante tão presente quanto a pobreza de seu povo. Quem circula por suas ruas vê muitas delas sem calçamento e escuta queixas aqui e ali sobre a escassez de hospitais. Em 2011, os adolescentes de Cataca (como é carinhosamente conhecida a cidade) tiveram as piores notas no exame nacional que dá acesso às universidades. Na terra do Nobel de Literatura da Colômbia, escrever corretamente em espanhol continua sendo problema crônico.

Foi naquele calor que Gabo nasceu, em 1927, e

onde morou até completar oito anos. Foi lá também em que se inspirou para criar a fictícia cidade de Macondo e todos os personagens de sua obra-prima “Cem anos de solidão”. É verdade que, quando menino, ele circulava por uma Aracataca ainda pujante. Tinha uma filial da multinacional americana United Fruit Company (que cultivava bananas na região) e salas de cinema que ofereciam dois ou três filmes diferentes por semana.

Mas a empresa faliu na década de 1970 e deixou a cidade imersa numa profunda depressão econômica e envolta em violência. Não fosse o berço de Gabriel García Márquez e Aracataca certamente teria hoje uma posição ainda menos importante no mapa-múndi.

## ‘INGRATO’ E ‘MEXICANO’

Mas nem por isso a cidade é grata ao autor. Em rodas de jovens cataquenses, falar sobre os livros de García Márquez é algo fora de moda, apenas para velhos. Foram adolescentes, aliás, que há meses vandalizaram o mural que dá as boas-vindas à Aracataca e que mostra o rosto do escritor.

Por ali, não se lê Gabo. Nem no museu erguido em sua homenagem — reproduzindo a casa de seu avô, onde ele nasceu — há obras suas



FERNANDO VERGARA/AP/4-01-2006

Aracataca. Painel lembra Gabo, ignorado pela maioria

sua frente, enquanto eu me acomodava no banco de madeira onde repousava um guarda-chuvas preto que servia para confirmar as chuvas recentes. A poucos metros de distância, estava o pai de Florentino Ariza.

A mulata cândida me guiou até a locação escolhida por Vélez. O frio na barriga atingiu seu ápice. Entrei na sala, e meus sentidos foram premiados como uma visão inesperada, o talento de Obregón (*o artista plástico colombiano Alejandro Obregón, que morreu em 1992*) se manifestou diante dos meus olhos no mural branco e azul escuro que havia sido retirado de uma casa no centro histórico e levado àquela edificação.

Escolhi ficar na esquina mais longe da porta, de pé, abraçada às rosas amarelas como se elas fossem a única razão por eu estar ali. E aconteceu o que esperávamos. Sentimos os passos de quem já cumpriu sua tarefa com a Humanidade e, de repente, vimos a figura do criador de Macondo.

Mauricio Vélez o cumprimentou. Ele respondeu e inspecionou a cena ao seu redor, movendo a cabeça. Deu de cara comigo e perguntou:

— Quem é ela?

O frio na barriga atingiu o ápice, mas eu resisti e não lhe disse nada. Mauricio respondeu por mim.

— Ela veio trazer essas rosas amarelas para o senhor.

Meus pés se mexeram na direção dele. Entreguei as rosas ao neto de Papa Lelo e Mina, ao sobrinho de Tia Pa e aquele que, com a mesma doçura de um menino, seguiu as instruções do fotógrafo. Vélez, em meio a um êxtase criativo, capturou a imagem que hoje comove milhares de pessoas que folheiam o livro “Retratos de Sociedad”.

Gabriel José, como foi chamado em homenagem ao patrono de sua cidade natal, Aracataca, ou Gabito, como seu irmão Jaime me instruiu a chamá-lo, convidou-me para sentar ao seu lado e disse:

— Melhor assim.

— O senhor prefere falar com as mulheres?

— Sim. É que com as mulheres dá para saber se elas estão bem ou mal. Com os homens, a gente nunca sabe...

## ENCONTRO DE VELHOS AMIGOS

O humor rápido e único de Gabo se manifestou diante de nós, e um mar de gargalhadas povoou o local. Vélez me chama para posar ao lado de nosso interlocutor para que ele pudesse capturar uma imagem, e eu me perco na ternura de um olhar que me diz muito mais do que jamais poderia ter esperado...

Passam-se alguns minutos, e é o fotógrafo que pede para ser fotografado. O assistente prepara tudo, e aquele encontro de almas fica imortalizado. A cumplicidade salta aos olhos na imagem. Nem parece que haviam passado apenas 105 minutos desde que os dois se reconheceram. Aquilo lembrava um encontro de velhos amigos.

Entrou, então, Dona Mercedes, investida com a doce voz da autoridade. Disse ao marido que, no cômodo ao lado, seus sobrinhos o esperavam. Ele fica de pé, mostrando a elegância do Caribe que nunca perdeu. Usa mocassins brancos que lembram Barranquilla e uma guayabera perfeitamente engomada, confirmando que tem quem o cuide, admire e ame.

Saímos daquele lugar com a alma cheia de borboletas amarelas. Eram 12h45m do sábado 25 de maio de 2013. “A polaca” não estava perto, e nós havíamos compartilhado mais de uma hora com um ser de outro mundo, uma alma de Aracataca que, nos anais da História, é e será conhecido como o Nobel de Literatura de 1982, mas que, graças à imagem de Mauricio Vélez, também será lembrado como Gabito, o escritor das rosas amarelas. ●

*María del Pilar Rodríguez é curadora de arte e escritora, e escreveu este texto especialmente para o jornal “El Tiempo”, da Colômbia, membro do GDA (Grupo de Diários América)*

à venda. E uma reportagem recente do jornal “El país de Cali” trouxe à tona uma informação curiosa: em Aracataca, livros de Gabo são pirateados para atender aos turistas.

Para os poucos cataquenses que toparam falar de Gabo, ele é hoje um “mexicano” — em referência ao fato de ter se mudado para a capital do México nos anos 1960 e de não pisar por ali desde 2007. Também há quem o classifique como “ingrato” — por supostamente não ter contribuído para o desenvolvimento da cidade ou a diminuição da pobreza de seu povo.

Porém, em sua mais forte defesa, saltam escritores e jornalistas colombianos como Alberto Salcedo Ramos:

— Algumas pessoas aqui na Colômbia tem o hábito de exigir dos famosos aquilo que deveriam exigir do Estado. García Márquez não tem porque solucionar o atraso social de Aracataca. Isso é uma tarefa para o país — pontua Salcedo Ramos, em entrevista por e-mail. — Através de seus textos, García Márquez já deu muito a seu povo. Tornou-o visível e o universalizou. Não se pode pedir mais a um escritor. ●

*Cristina Tardáguila*